

FOLHA DE S.PAULO



OPINIÃO

Latinoamérica 21

>>> ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/MUNDO/LATINOAMERICA21/](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/latinoamerica21/))

Que tipo de cidadania nos deixará a pandemia?

Covid também representa divisor de águas na forma como entendemos ser cidadão

22.jul.2020 às 12h00

Fabián Echegaray

É cientista político e diretor da Market Analysis, empresa de pesquisa de mercado e opinião pública sediada no Brasil. Especialista em cultura política, comportamento social e consumo sustentável. Doutor da Universidade de Connecticut, EUA.

LATINO AMÉRICA 21 Como em tantas outras dimensões da vida, a Covid-19

(https://aovivo.folha.uol.com.br/equilibrio_e_saude/2020/03/17/5890-veja-perguntas-e-respostas-sobre-coronavirus-e-mande-suas-duvidas.shtml#post398548)

também representa um divisor de águas na forma como entendemos ser cidadão e exercer nossa cidadania. Esta ideia de cidadania que emerge em tempos de emergência sanitária e distanciamento social é muito mais semelhante às expressões conservadoras e limitadas em vigor até meados do século 20 do que às manifestações de civilidade e encarnações da subjetividade política do século 21.

Em tempos pré-pandêmicos, a noção de cidadania era caracterizada por um processo triplo de autonomia individual expansiva que nos permitia estar cada vez mais livres do Estado nacional e ser sobrecarregados com responsabilidades mais pessoais. Para começar, a cidadania pré-Covid tornou-se notória por sua desterritorialização. Em um contexto cada vez mais globalizado de crescente mobilidade espacial, tanto a percepção quanto a definição de ser um cidadão deixaram de estar ligadas a uma âncora territorial específica. A identidade política individual foi definida não por

pertencer a uma área geográfica ou espacial específica, mas por características compartilhadas com outras pessoas que também participaram das esferas de ação globalizadas: o mercado, as cidades, o meio ambiente, a ciência, a estética cosmopolita e os estilos de vida contemporâneos.

Em segundo lugar, diferentemente do que aconteceu no século anterior, a cidadania pré-Covid desenvolveu-se a partir da politização das esferas privada e cotidiana da vida pessoal. Estas esferas tornaram-se verdadeiras trincheiras onde se travaram batalhas pela expansão dos direitos e liberdades, abandonando as instituições formais da política vistas como incapazes ou desinteressadas em articular respostas para os problemas genuínos de nosso tempo. É a chamada política de estilo de vida —ou política de vida— onde as relações com empresas e seus produtos, assim como com ONGs e suas causas, foram vistas como mais promissoras para introduzir mudanças e gerar respostas às prioridades das pessoas do que eventuais interações com os braços do Estado ou seus chefes visíveis no governo.

Finalmente, a cidadania em vigor até a quarentena foi baseada no princípio de desafiar e liderar as elites governantes, em vez de se permitir ser dirigido e liderado por elas. A fonte da autoridade, e até mesmo a sabedoria, para determinar o que eram problemas genuínos e o tipo de direção necessária, não foram reconhecidos nas autoridades estabelecidas e dificilmente poderia se esperar que surgissem de rituais partidários ou parlamentares. As respostas estavam nas ruas, a deliberação cívica encarnando o espírito de cidadania foi reconhecida nas mobilizações e marchas ou na vibração dos fóruns das redes sociais.

A pandemia nos afastou de tudo isso, praticamente da noite para o dia. Isso nos trouxe de volta a uma realidade de sujeitos ancorados em um espaço territorial limitado (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/veja-o-que-pode-abrir-como-e-onde-durante-quarentena-em-sp.shtml>), tão restrito que até se torna inferior ao espaço nacional. Nossa percepção e realidade de sermos cidadãos do mundo foi suspensa, não sabemos por quanto tempo. De repente fomos deslocalizados para nos tornarmos sujeitos imóveis de jurisdições hiperlocais. Os residentes de uma cidade são impedidos de se mudar ou se estabelecer em outras

localidades do mesmo país por representantes do Estado ou mesmo pelos habitantes da cidade de destino. Este forçado e inesperado sedentarismo hiperlocalizado da cidadania pós-covid resgata a proximidade como uma referência de segurança e conforto social da recuperação dos laços de vizinhança e da expectativa de melhorias urbanas e ambientais nas áreas próximas, bem como através da valorização do comércio de proximidade.

A quarentena também colocou o governo e o Estado de volta aos holofotes. Se diante de desafios globais como as mudanças climáticas, a igualdade de gênero ou a heteronormatividade sexual, as autoridades estabelecidas eram percebidas como reativas e atrasadas, promovendo um processo de auto-responsabilidade individual para resolver problemas, exercendo pressão direta sobre os atores do mercado ou da sociedade civil, a pandemia baralhava novamente as cartas e nos levava de volta ao século 20. Ao organizar a resposta coletiva à ameaça viral, os governos deixaram de ser o alvo da desconfiança pública e se tornaram os líderes incontestáveis da emergência sanitária. A popularidade das entidades presidenciais e estatais cresceu linearmente e proporcionalmente às restrições ao movimento social e à atividade econômica, desde a primeira semana da declaração da pandemia. Da mesma forma, cresceu a delegação de poder e a deferência às autoridades para a gestão da resposta. Enquanto patrulhavam empresas e outros atores sociais por sua atitude diante da crise, os cidadãos suspenderam seu ativismo inercial para resolver problemas diretamente e reconheceram os governos como a única e exclusiva autoridade para resolver o desafio viral.

Ser um bom cidadão em tempos de pandemia é dissociado de manter uma posição crítica e desafiadora diante do Estado para assumir uma ética obediente e desmobilizada. A cidadania pós-pública delega a soberania às autoridades a tal ponto que o questionamento das iniciativas de controle social, flexibilidade das liberdades civis e ampla vigilância dos movimentos populares é suspenso. Após passar pela transição do terror infeccioso para a paz viral com o menor custo humano possível, os indivíduos revisam sua noção de direitos civis e políticos, aceitam as patrulhas estatais e as adotam militantemente diante de seus pares como um mecanismo ordenador e coeso. O retorno da autoridade do Estado é o lado negativo de uma cidadania

mais passiva e paternalista, provavelmente estranha àqueles que não a experimentaram (ou leram sobre ela) durante o século 20.

Entretanto, devemos nos despedir das expressões mais rebeldes e autônomas de cidadania típicas das duas primeiras décadas do nosso milênio? Provavelmente não. A autonomia continua firme e forte no ressurgimento das redes de vizinhança, no voluntariado de bairro e na identificação da comunidade que alimenta o novo localismo promovido pela quarentena, bem como na continuidade on-line da politização do consumo e das coletas das organizações de mercado e da sociedade civil. A rebelião, por outro lado, espera apenas o momento em que os efeitos da brutal recessão econômica são combinados com a redução das restrições ao distanciamento social e o fim dos paliativos monetários esqueléticos que ainda existem.

sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas ([conheça aqui \(https://login.folha.com.br/newsletter\)](https://login.folha.com.br/newsletter)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na [Apple Store \(https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711\)](https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711) ou na [Google Play \(https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/07/que-tipo-de-cidadania-nos-deixara-a-pandemia.shtml>